

LINGÜÍSTICA E LITERATURA: PEQUENA INTRODUÇÃO BIBLIOGRÁFICA

Heda Maciel Caminha
Docente da PUCRS

"Um lingüista surdo à função poética da linguagem e um especialista da literatura indiferente aos problemas e ignorante dos métodos lingüísticos são, um e outro, flagrantes anacronismos."

Roman Jakobson, *Lingüística e Comunicação*, São Paulo, Cultrix, 1973.

Lingüística e Literatura Sem dúvida, união tempestuosa, às vezes, mas de inegável fertilidade. Recobrando uma diacronia que vai da antiguidade oriental¹ a nossos dias, a lingüística se apresenta como elemento indispensável à reflexão literária, ao conhecimento da literatura que se enraíza necessariamente na linguagem.

Tudo pode parecer muito evidente, se não considerarmos as dificuldades do não-especialista que, desejoso muitas vezes de informações precisas sobre o assunto, procura, nas múltiplas indicações bibliográficas, um caminho que lhe possibilite uma visão global da situação.

Foi pensando nisso que nos propomos a apresentar aqui uma² breve introdução ao binômio lingüística e literatura.

1. FUNDAMENTAÇÃO HISTÓRICA

As obras abaixo arroladas, entre muitas outras, oferecem uma visão retrospectiva da lingüística:

— MOUNIN, G. *Histoire de la linguistique des origines au XXe siècle*, Paris, P.U.F., 1967.

— MALMBERG, B. *Les nouvelles tendances de la linguistique*, Paris, P.U.F., 1966.

2. LINGÜÍSTICA E LITERATURA

Para compreender algumas das muitas relações que se podem estabelecer entre lingüística e literatura, sugerimos:

— JAKOBSON, R. "Une microscopie du dernier spleen dans *Les Fleurs du Mal*". *Tel Quel*, nº 29, printemps, 1967, Paris, La Seuil.

Remetendo à obra de F. Saussure, o autor nos propõe uma análise estrutural de um texto poético de Baudelaire, onde explora os efeitos de anagramas.

— STAROBINSKI, J. *Les anagrammes de Ferdinand Saussure*, Paris, Mercure de France, 1964.

Observamos, através do trabalho de J. Starobinski, a importância dos princípios enunciados por F. Saussure, cujas pesquisas afirmaram o papel desempenhado pela escrita poética na elaboração da lingüística estrutural.

Para reforçar as leituras acima sugeridas, aconselhamos ainda duas obras tradicionais:

— JAKOBSON, R. *Essais de linguistique générale*, Paris, Ed. de Minuit, 1973.

— ——. *Lingüística e poética*, São Paulo, Cultrix, 1973.

Estando o nome de R. Jakobson constantemente ligado ao formalismo russo, indicamos a leitura de duas obras que preparam a uma melhor compreensão dos textos dos formalistas russos:

— FAYE, J.P. "Questionner Forman Jakobson". *Les lettres françaises*, 17 nov. 1966.

O artigo de J.P. Faye se apresenta como instrumento valioso de estudo: entrevistado, R. Jakobson nos oferece uma excelente e concisa introdução ao formalismo russo, acentuando a cumplicidade da lingüística e da literatura.

— ERLICH, V. *Russian formalism. History-Doctrines*, La Hays, 1955.

Essa obra de Erlich nos apresenta uma história detalhada do formalismo russo, tornando-se, assim, leitura necessária a uma perfeita compreensão dos textos dos formalistas russos.

Como culminância das leituras acima propostas, indicamos:

— EIKHENBAUM et alii. *Teoria da literatura — Formalistas russos*, Porto Alegre, Globo, 1976.

— GENETTE, G. *Figuras II*, São Paulo, Perspectivas.

No capítulo intitulado "Estruturalismo e Crítica", G. Ge-

nete, considerando que o formalismo russo — uma das matrizes da lingüística estrutural — “nada mais foi, em suas origens, do que um encontro de críticos e de lingüistas no terreno da linguagem poética” (p. 149), remete-nos às objeções oriundas de uma tal assimilação.

— JAKOBSON, R. “Les chats de Charles Baudelaire”. In: COSTA LIMA, Luís. *Teoria da literatura em suas fontes*. Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves, 1975.

A análise proposta por R. Jakobson em “Les chats” atinge um nível de abstração que permite uma abordagem mais acurada do real funcionamento da língua.³

— LEVIN, Samuel R. *Linguistics structures in poetry*. La Haye, Mouton, 1962.

A obra de S. Levin nos oferece a teoria das transformações lingüísticas (Noam Chomsky), aplicada à poesia.

— RUWET, N. “Analyse structurale d’un poème français: un sonnet de Louise Labé”. In: *Linguistics*, La Haye, Mouton, n.º 3.

— — “Sur un vers de Charles Baudelaire” in *Linguistics*, La Haye, Mouton, n.º 17.

Nos artigos acima citados, N. Ruwet procura integrar à análise poética os dados teóricos de R. Jakobson, S. Levin e Hjelmslev.

— BARTHES, R. et alii. *Análise estrutural da narrativa*. Petrópolis, Vozes, 1971. *Novas Perspectivas em Comunicação*, n.º 1.

Nessa coletânea de artigos, encontramos várias proposições teóricas de análise da narrativa que, procurando na superfície do texto uma ou várias estruturas profundas, acusam, basicamente, duas orientações: uma lógico-semântica, abstrata, oriunda do formalismo russo, presente nos trabalhos de Propp, Eikhenbaum e Tomachevski, e inspiradoras dos artigos de Claude Bremond e de Tzvetan Todorov; outra retórico-gramatical, descritiva, baseada nas pesquisas de Émile Benveniste, procurando salientar as variantes lingüísticas que atuam na formação da mensagem.

— BAKHTINE, M. *La poétique de Dostoevski*, Paris, Seuil, 1977.

— BARTHES, R. *O Grau zero da escritura*. São Paulo, Cultrix, São Paulo, 1974.

— DERRIDA, J. *L’écriture et la différence*. Paris, Seuil, 1969.

As três obras acima mencionadas, remetendo-nos à escrita textual, afastam-se da lingüística, denunciando, assim, uma certa desconfiança inscrita no prolongamento do formalismo russo.

Ao final da tarefa a que nos propusemos, resta-nos re/afirmar o caráter não exaustivo da bibliografia aqui sugerida, e que a lingüística é um dos vários instrumentos de que dispomos para a análise da literatura, não o único, e que os lingüistas na maioria das ve-

zes reclamam com toda razão o mau uso que fazemos de sua ciência. Por outro lado, não esqueçamos que os grandes avanços da lingüística datam da era contemporânea, mas que retornar ao passado é quase sempre um progresso!

NOTAS

- 1 — Por volta do século IV a.C., Panini elaborou a primeira análise completa de uma língua, o sânscrito. Posteriormente, as pesquisas de F. Saussure, responsáveis pelo desvelamento de contradições acumuladas e por condições indispensáveis à renovação de métodos, constituem um retorno à tradição antiga, sobretudo a Aristóteles, o primeiro mestre da semântica.
- 2 — O indefinido aqui é essencial. Significa, antes de mais nada, a existência de várias outras bibliografias possíveis sobre o assunto, tendo em vista, sobretudo, a dimensão do problema.
- 3 — Apesar de algumas críticas ao método proposto por R. Jakobson, tais como as de M. Riffaterre em “Describing poetic structures: two approaches to Baudelaire’s — Les chats” (Yale, French studies — oct. 1966), a pesquisa de R. Jakobson permanece sendo uma das melhores tentativas de aproximação da lingüística e da literatura.